



**Relatório Final**  
**2010/ 2011**

<b>Título do Plano de Trabalho do Bolsista</b>	A recontextualização do conhecimento profissional no Trabalho: saberes e práticas de alunos-trabalhadores em uma empresa do setor de petróleo e gás do Estado da Bahia
<b>Título do Projeto do Orientador</b>	A recontextualização do conhecimento profissional na escola e no trabalho: saberes, práticas e culturas profissionais dos trabalhadores do setor de petróleo e gás do Estado da Bahia.
<b>Nome do Aluno</b>	Mário Sergio Machado Souza
<b>Nome do Orientador</b>	Vera Lúcia Bueno Fartes
<b>Grupo de Pesquisa (opcional)</b>	Educação, conhecimento e trabalho
<b>Palavras Chave (até 3)</b>	Recontextualização, reflexividade, saberes profissionais
<b>Período de Vigência</b>	Agosto de 2010 a Julho de 2011

## Resumo

A pesquisa realizada objetivou compreender como os alunos-trabalhadores (estagiários) do Curso de Automação e Controle Industrial do Instituto Federal da Bahia, mobilizam os conhecimentos profissionais, saberes e práticas no exercício efetivo de trabalho. Para atender nosso objetivo, realizamos entrevistas com alunos estagiários do citado curso e, a fim de nortearmos a discussão dos dados colhidos nas entrevistas, trabalhamos com alguns conceitos, como os de recontextualização do conhecimento, reflexividade e saberes formais e tácitos. Os resultados obtidos evidenciam, dentre outras coisas, que os alunos-trabalhadores (estagiários), exercitam sua autonomia, recontextualizando seus conhecimentos, dando sentido a tudo que aprendem, sejam essas aprendizagens oriundas ou não dos espaços formais, com o objetivo de criarem novas estratégias para lidar com situações imprevistas em suas rotinas de trabalho, aprender coisas novas e aperfeiçoarem as que já realizam.

## 1. Introdução

Muito embora esteja em vigor um novo modelo de estruturação da produção e das relações econômicas e sociais, “incorporado” na figura do capitalismo moderno, que age sobre os indivíduos de modo a, como diria Paiva (2002, p.53), “modificar o peso do trabalho na produção de identidades e tornando possível (e necessário) a impressão de novos conteúdos, nova forma e nova cultura do trabalho, não significaria dizer que o trabalho perdeu a importância para os indivíduos”, entretanto podemos dizer que outras categorias compartilham da possibilidade de análise da realidade social.

A despeito das inúmeras e conflitantes interpretações sobre o caráter da sociedade contemporânea, todos concordam que se vive hoje em um ambiente de intensa competição intercapitalista, com diferenciação apenas nos modos de interpretar e sugerir alternativas para as crises (GIDDENS, 1991; HABERMAS, 2002; MEZÁROS, 2002). As incertezas e a grande mobilidade profissional, quase sempre associada à precarização das relações de trabalho, a responsabilização do trabalhador por sua própria formação, mediante o discurso da *empregabilidade* e da *competência*, dão nova direção às políticas educacionais em volta do mundo, deslocando-as pelas forças do mercado e da regulamentação externa (BALL, 2005; BACK e YOUNG, 2008).

Os objetivos traçados nesta pesquisa estiveram embutidos em cada uma das considerações acima, que representam o nível *macro*, cenário no qual se inserem nossas considerações. Objetivando não desconsiderar tais aspectos, avançamos nas formulações teóricas utilizando os estudos sobre o *conhecimento profissional* e sua *recontextualização* em locais específicos de trabalho.

Tomando como base a categoria de análise conhecimento profissional, bem como categorias circunvizinhas: reflexividade, autonomia, saberes profissionais, entre outras tão importantes, a presente pesquisa teve por propósito compreender a recontextualização do conhecimento profissional no trabalho: saberes e práticas de alunos-trabalhadores em situação de trabalho. Propomos-nos a estudar essa recontextualização dos conhecimentos profissionais, junto a estudantes do Curso de Automação e Controle Industrial do Instituto Federal da Bahia – IFBA (antigo CEFET-BA), em situação efetiva de estágio (ou trabalho).

Este plano de trabalho constitui-se em um dos aspectos abordados na pesquisa matricial de nossa orientadora, que busca analisar a recontextualização do conhecimento profissional *na escola e no trabalho*. Para a realização desse estudo, além do trabalho de campo, buscamos nos apropriar dos aportes teóricos da pesquisa, já citados acima, os quais acreditamos estarem direta ou indiretamente ligados, formando o que chamaria de *amalgama conceitual*. O estudo sobre tais conceitos parte das idéias de autores como Polanyi, Tardif, Charlot, Schön, Bernstein, Giddens, dentre outros tão importantes quanto os citados.

## **2. Materiais e métodos**

Para coletar e analisar os dados da pesquisa utilizamos gravador, computador, livros e material de papelaria. Como já mencionado na parte introdutória deste trabalho, nosso propósito foi realizar a pesquisa junto a estudantes do Curso de Automação e Controle

Industrial do IFBA. No entanto, no momento da pesquisa de campo, de identificação desses alunos-trabalhadores, deparamo-nos com a seguinte situação: os alunos que nos interessavam, ou seja, aqueles que estavam no momento de estágio curricular, já haviam terminado a parte teórica do curso (já haviam cursado todas as disciplinas) e encontravam-se apenas realizando seus estágios. Estando esses estudantes fora do âmbito escolar, ficou mais difícil estabelecer contato com eles, não só devido aos diferentes lugares por onde estavam atuando, mas também, pelas demandas que se fazem necessárias, diante das mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, as quais já descrevemos.

Em vista disso, procuramos então estudantes de outros cursos, não descartando alguns contatos de alunos do Curso de Automação. Os estudantes dos outros cursos, também estavam em situação de estágio, atuando na área industrial mais especificamente no setor petroquímico, o que não difere tanto de nossa proposta já que estes também lidam com situações imprevistas, mobilizam conhecimentos e saberes acumulados ao longo da vida e são capazes de refletir sobre sua prática profissional.

Entrevistamos cinco estudantes, todos com Ensino Médio, já que seus respectivos cursos são de modalidade pós-médio (ou subsequente). Estes estudantes foram identificados na pesquisa como estagiário 1, estagiário 2, estagiário 3, estagiário 4 e estagiário 5.

Como metodologia, adotamos a pesquisa qualitativa, subsidiada por entrevistas individuais. Este tipo de procedimento traz aspectos muito característicos, no momento em que propicia ao entrevistado descrever o que considera significativo, utilizando a linguagem que melhor expressa seus pensamentos. Faz-se importante também, no momento em que a partir das informações cedidas pelo entrevistado, o entrevistador formula outros questionamentos. Por esse motivo, MARTINS (2008) acredita que na pesquisa qualitativa, uma questão metodológica importante é a que se refere ao fato de que não se pode insistir em procedimentos sistemáticos que possam ser previstos, em passos ou sucessões como uma escada em direção à generalização.

### **3. Resultados**

Muito do que hoje se discute e se reconhece a respeito dos conhecimentos recontextualizados através da experiência no trabalho deve-se às idéias do filósofo húngaro Michel Polanyi. Sua importância para os estudos sobre o conhecimento se deve à ênfase por ele conferida à ação, ao corpo e aos dois tipos de conhecimento, aos quais denominou “conhecimento explícito” e “conhecimento tácito”, a partir do qual vários campos de pesquisa, entre eles o da Sociologia

do Trabalho, puderam formular conceitos hoje tidos como centrais para a compreensão do conceito de conhecimento profissional.

Segundo Polanyi (1996), há duas formas pelas quais o conhecimento é criado: uma, é representada pelo “conhecimento explícito”, aquele que pode ser expresso em palavras e números, em linguagem formal e sistemática, facilmente compartilhado e comunicado sob forma de regras gerais, fórmulas científicas, procedimentos codificados ou princípios universais; a outra que nos interessa examinar mais de perto é representada pela parte menos visível, expressa pelo conhecimento pessoal, específico ao contexto e difícil de ser formulado e comunicado, processo que denominou “conhecimento tácito”.

Polanyi levanta um argumento central para que se compreenda a importância dos conhecimentos tácitos em qualquer processo de aprendizagem: são eles que permitem aos seres humanos construir e reconstruir conhecimentos, criando e organizando ativamente suas próprias experiências. Assim, diz o autor, usando sua conhecida metáfora, o conhecimento explícito pode representar apenas a “*ponta do iceberg*” do conjunto de conhecimentos que uma pessoa possui. Sobre essa mobilização de conhecimentos “não-explícitos”, o entrevistado 1 fala de sua prática:

Olha, os conhecimentos técnicos é claro que a gente tem que colocar em prática, mas os conhecimentos adquiridos fora da sala de aula, fora do curso, fora do laboratório, são muito utilizados por mim (ESTAGIÁRIO 1).

Essa afirmação do Entrevistado 1 ressalta a importância dos teóricos mas também acentua a necessidade dos conhecimentos mais implícitos. No entanto, é importante pensar não em uma sobreposição de um conhecimento sobre o outro, mas em uma ligação, uma aliança entre eles.

Sobre esse aspecto o entrevistado 3 argumenta que:

Não é que um seja mais necessário que o outro, é um complementando o outro sempre. É necessário você ter o conhecimento teórico para você entender o que está acontecendo na prática. Então, se você não tiver aquele certo conhecimento, se você tiver em uma determinada situação na prática, você pode se assustar e acabar fazendo, cometendo erros e desencadeando outros (ESTAGIÁRIO 3).

O processo de recontextualização, no entanto, não acontece sem a devida reflexividade, que supõe a possibilidade de se fazer usos diferenciados de normas, procedimentos e compreensões do processo de trabalho, que modificam a forma do conhecimento (de formal para tácito), passando de uma lógica de instrumentalidade no uso do conhecimento para uma lógica da autonomia e do saber, que significa conhecimento como processo, em que o

conhecimento subordina-se a uma epistemologia prática (CARIA, 2006). Neste momento, torna-se necessário refletir, argumentar, propor novas definições e alternativas para si, baseadas nos novos paradigmas. Na modernidade os indivíduos precisam explicar a si mesmo como constroem sua prática, suas experiências, sua influência no contexto em que vive. Essa distância crítica (reflexividade) quando ocorre, define a autonomia dos atores tornando-os sujeitos já que os mesmos não podem ser enclausurados no seu papel (DUBAR, 2001).

É com o despertar dessa autonomia após uma postura reflexiva, ou seja, depois de refletir sobre e nas ações que realiza, é que o indivíduo se sente mais preparado para lidar com as situações de imprevisto. Sobre isso, o estagiário 2 diz:

O meu trabalho exige muito que a gente saiba lidar sob pressão, porque é um trabalho de muita responsabilidade. Às vezes acontecem problemas, e aí as pessoas correm atrás para resolver, então é um trabalho que a gente tem que agir rápido, sob pressão. Treinam a gente para qualquer imprevisto. O problema está aí e tem que ser resolvido (ESTAGIÁRIO 2).

A autonomia no momento de lidar com os imprevistos também é descrita pelo estagiário 1:

No meu estágio, como também é uma área de pesquisa (em petróleo e gás), a gente costuma dizer sempre que somos bastante criativos, somos praticamente artistas, a gente tem que “se virar nos trinta”, improvisar, mas nada desviando totalmente dos padrões porque como é uma área técnica, uma área restrita, uma área que você não pode inventar demais senão a gente pode cometer um erro muito prejudicial à nossa pesquisa, nós temos que seguir a linha (ESTAGIÁRIO 1).

O ato de lidar com as situações imprevistas, por sua vez, passa pela relação com o saber. Quando falamos em saber, falamos de todas as vivências acumuladas, que fazem com que cada indivíduo tenha um determinado saber, a partir de inúmeras referências. Charlot (2005) enfatiza a importância de levar em consideração o sujeito na singularidade de sua história e as atividades que ele realiza. Para o autor:

O indivíduo não se define somente por sua posição social ou pela de seus pais; ele tem uma história; passa por experiências; interpreta essa história e essa experiência; dá sentido (consciente ou inconscientemente) ao mundo, aos outros e a si mesmo. Em resumo, é um sujeito indissociavelmente social e singular. E é como tal que se deve estudar sua relação com o saber (CHARLOT, 2005, p. 40).

Sobre essa relação individual com o saber, com as experiências ao longo da vida, o estagiário 2 enfatiza:

Todas as situações que a gente vive aprendemos um pouco e esse aprendizado que temos, um dia sempre vai servir pra alguma coisa: acho que é importante sim o que a gente aprende na família, na escola, isso determina a nossa personalidade frente a um problema (ESTAGIÁRIO 2).

Essa construção/transformação de saberes resulta das identidades e das culturas profissionais, estas últimas se caracterizam pela reflexividade, partilha de identidades e, sobretudo construção da autonomia. Tendo em vista todos os elementos que envolvem a construção do saber ou dos saberes, de um modo mais amplo, é que direcionamos nossos olhares para caracterização dos saberes profissionais. Para isso, utilizamos as idéias de Tardif, o qual afirma que compreender a construção dos saberes profissionais:

(...) propõe um olhar a partir da epistemologia da prática profissional, é revelar esses saberes, compreender como são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes o incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades e de trabalho (TARDIF, 2000, p.11).

Entende-se também, que os saberes profissionais são adquiridos através do tempo e que provém das histórias de vida do indivíduo, de sua vida profissional, onde fazem parte de dimensões identitárias e de socialização profissional. Por isso, nesse processo de socialização, ainda é comum o *aprender fazendo*, o *aprender com o outro*, tão frequentes nos primeiros anos de prática profissional, e que se tornam decisivos na medida em que torna-se essencial a “aquisição do sentimento de competência e no estabelecimento das rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional” (TARDIF, 2000, p.14).

A maneira de aprender fazendo ou aprender com o outro a qual Tardif se refere, é algo bastante relevante no que diz respeito à prática profissional. A troca de experiências, a ajuda e a complementação recíproca dos conhecimentos, ressignificam tal prática. O estagiário 3 fala um pouco do quanto essa troca de experiências é importante:

Por que é assim: lá na empresa todo mundo ajuda todo mundo, não é aquela empresa fechada dos operadores para o chefe. Às vezes eu até esqueço a questão da hierarquização. Está todo mundo aberto para opiniões e tal...isso colabora muito para aprendizagem (ESTAGIÁRIO 3).

Quando falamos em experiência, nos referimos não a uma experiência simplesmente quantificável, ela não é apenas um mero “tempo de serviço”, entendemos a experiência aqui, como algo do campo subjetivo, implícito, particular e pessoal. Nas palavras de Bondía (2002), “a experiência é o que *nos passa*, o que *nos acontece*, o que *nos toca*. Não o que se *passa*, não o que *acontece*, ou o que *toca*” (p. 21). Ela (a experiência) se situa no campo das vivências.

Duas pessoas podem passar pela mesma situação seja no trabalho ou fora dele, mas não pela mesma experiência, pois a situação vivenciada *tocará* cada um de maneira diferente.

Sendo assim, uma vez que o sujeito transforma seus saberes e suas experiências, ele produz, reconstrói e os recontextualiza. Os conhecimentos ou informações são transmitidos de determinada maneira de uma instância para outra, entretanto, ao ser posto em prática nessa instância receptora, passa por modificações. Essa ação está ligada ao fato de que em uma situação na prática o sujeito coloca seus conhecimentos de acordo com a realidade objetiva, com a necessidade real que lhe é exigida, ou seja, essas modificações são definidas por BERNSTEIN (1996) como recontextualização do conhecimento.

#### **4. Discussão**

Como já citamos na parte introdutória deste trabalho, a contemporaneidade trouxe consigo transformações econômicas, sociais, tecnológicas e geopolíticas em proporção mundial, que modificam as relações interpessoais bem como o modo de se portar dos atores sociais. Como exemplo concreto dessas transformações podemos citar a “mundialização da economia”, o ritmo frenético do crescimento científico-tecnológico e a intensa competição intercapitalista. Essas transformações produzem um contexto marcado por características como transitoriedade, efemeridade, descontinuidade e fluidez, que afetam algumas categorias analíticas chaves de compreensão da realidade social, dentre as quais trabalho, identidade e cultura.

Diante das transformações do mundo moderno (ou pós-moderno, como alguns chamam), a condição do trabalho como categoria central de análise da vida social vem sendo cada vez mais questionada. Compartilhamos dos questionamentos de Offe (1989) sobre a *descentralização* do trabalho com relação a outras esferas da vida, ou seja, neste sentido o trabalho por si só não dá conta de explicar e interpretar os fenômenos sociais.

O mundo moderno é marcado por momentos transitórios, efêmeros, descontinuistas e fluídos, que afetam inevitavelmente o mundo produtivo. Segundo Giddens (1991), “os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes” (p.14). Neste mesmo trabalho, Giddens fala das descontinuidades que separam as instituições sociais modernas das ordens sociais tradicionais. Dentre as características envolvidas na identificação das descontinuidades está o *ritmo de mudança*. As mudanças acontecem cada vez mais rápidas no mundo do trabalho, principalmente devido ao considerável avanço tecnológico das últimas décadas, que obrigam o profissional a atualizar constantemente seus conhecimentos formais, a luz das exigências

embutidas no modo de produção capitalista. Sobre essas exigências Frigotto (1999) argumenta que:

As políticas neoliberais e a hegemonia do capital especulativo de um lado e, de outro, o desenvolvimento produtivo centrado sobre a hipertrofia do capital morto – isto é – ciência e tecnologia, informação como forças de produção, acabam desenhando uma realidade onde encontramos: desestabilização dos trabalhadores estáveis, instalação da precariedade do emprego (FRIGOTTO, 1999, p.10).

Juntamente com as entrevistas feitas com os estagiários, analisando o cenário mundial contemporâneo e dialogando com o pensamento dos autores citados ao longo deste trabalho, pudemos chegar a algumas considerações. Nesse contexto de efemeridade e de transitoriedade cada vez mais veloz, o trabalhador precisa ter cada vez mais conhecimento, seja ele tácito ou explícito, deve sempre estar repensando suas práticas, suas ações e usar de maneira autônoma seus saberes e suas experiências acumuladas ao longo de suas vidas.

Chamamos a atenção também, para o papel da formação no modelo econômico vigente e seu grande reconhecimento social, entendendo que ela (a formação) deve ser vista de modo mais amplo, considerando não apenas os aspectos formais, escolarizados ou acadêmicos, mas sim valorizando a *“bagagem” de vida* que todo sujeito traz consigo e atentando também para o fato de não utilizar a formação somente para os fins do capital, de modo mercadológico. Deve-se pensá-la como forma de emancipação, de conquista da autonomia, importante para a cultura profissional, para construção das identidades e dos saberes profissionais.

Diante dos achados de nossa pesquisa, reafirmamos e compreendemos que as identidades, sejam elas individuais ou coletivas continuam a se construir nas sociedades contemporâneas, mesmo que essas sociedades sejam marcadas por efemeridade, descontinuidade e fluidez.

É nesse contexto, que requer dos sujeitos que se identifiquem, a cada momento, com algo novo, com uma nova cultura, já que as corriqueiras situações de demissão, onde o trabalhador deixa de pertencer a um grupo específico de profissionais com rotinas e normas próprias os *“obrigam”* a serem *“flexíveis”*, é onde o sujeito continua procurando organizar suas experiências, utilizando os saberes construídos em sua trajetória, reavaliando-os, e os recontextualizando de acordo com seus anseios e as necessidades de se manterem úteis e *“competentes”* para as exigências do mercado de trabalho. Dito de outra forma, essa revisão de valores, conhecimentos, saberes, identidades e experiências, servem para que possamos dar sentido para nossa própria vida e para o mundo que nos cerca.



Portanto, fica evidente nas falas dos estagiários, que os mesmos exercitam sua autonomia, recontextualizando seus conhecimentos, sejam eles formais ou tácitos, dando sentido não só ao que aprendem na escola, mas também na família, no convívio social ou em experiências profissionais anteriores, com o objetivo de criarem novas estratégias para lidar com situações imprevistas do seu dia-a-dia, aprender coisas novas e aperfeiçoar as ações que já realizam.

Verificamos deste modo, que os estagiários recontextualizam seus conhecimentos, saberes e práticas em situação de estágio, de maneira que refletem sobre suas aprendizagens, suas experiências e suas ações, gerando novos saberes profissionais.

## **5. Referências bibliográficas (máximo 15)**

BACK, J.; YOUNG, M. F. D. **Investida contra as profissões e reestruturação das identidades acadêmicas e profissionais**. Cadernos de Pesquisa, n. 135, v. 38. Fundação Carlos Chagas; São Paulo: Cortez, 2008, pp. 587-610.

BERNSTEIN, B. **A estrutura do discurso pedagógico: classe, código e controle**. Petrópolis: Vozes, 1996.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o Saber de Experiência**. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo p. 20-28, janeiro de 2002.

CARIA, T. H. **Trabalho e conhecimento profissional-técnico: autonomia**. subectividade mudança social. In: CARIA, T. H. (org.). **Saber profissional. Análise social do trabalho técnico-intelectual**. Coimbra: Almedina, 2006, pp.43-92.

CHARLOT, B. **Relação com o saber**. Formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DUBAR, Claude. **Identidade profissional em tempos de bricolage – entrevista**. Rio de Janeiro: Contemporaneidade e Educação, ano VI, nº 9, 2001, pp.152-156.

FRIGOTO, Gaudêncio. **Globalização e Crise do Emprego: Mistificações e Perspectivas da Formação Técnico-Profissional**. Boletim Técnico do SENAC nº25-Maio/agosto 199.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HABERMAS, J. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2002.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: coletânea de vários autores. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 2008, p.49-58.

MESZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

OFFE, C. **Trabalho como categoria sociológica fundamental?** In: OFFE, C. Trabalho & Sociedade: Problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do Trabalho, Vol.1. Rio Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989, pp.13-41.

POLANYI, M. **The tacit knowledge**. Doubleday. New York, 1996.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, M. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação para o magistério**. Revista Brasileira de Educação (ANPED). Nº 13, jan/fev/mar/abr, 2000.

## ***Relatório Final – Parte II***

### **1. Atividades realizadas no período**

Reuniões semanais com os demais membros da equipe da orientadora para estudo e fundamentação teórica sobre conhecimento profissional, reflexividade, saberes profissionais e os outros conceitos que fundamentam a pesquisa;

Participação como aluno ouvinte da disciplina na pós-graduação TEE-Educação, trabalho e saberes profissionais, durante um semestre, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre os conceitos que embasaram a pesquisa;

Elaboração de resenhas, discussões em grupo;

Reuniões para a elaboração dos instrumentos de pesquisas, coletas de dados e entrevistas com os estagiários;

. Reuniões semanais com os demais membros do grupo com o objetivo de sistematizar os dados levantados na pesquisa de campo;

Reuniões semanais com a equipe do projeto, análise das entrevistas e apresentação oral dos avanços da pesquisa junto ao grupo de trabalho;

Reunião para discutir os conceitos trabalhados, articular as pesquisas teóricas e os dados colhidos na pesquisa de campo e elaborar a primeira versão do relatório final;

Redação da versão final do projeto.

### **2. Participação em reuniões científicas e publicações**

Participação em reuniões e seminários do grupo e da linha de pesquisa.